

Potência do uivo para existências nômade em matilha¹

Howling power for nomadic herd stocks

Potencia del aullido para existencias nômades en manada

Tamiris Vaz²

Lucia de Fatima Dinelli Estevinho³

¹ Este artigo foi apresentado no II Colóquio Internacional Red Estudos Latino-americanos Deleuze y Guattari, em Valparaíso/Chile e publicado em língua espanhola na Revista La Deleuziana - Revista Online de Filosofia, em 2020. Esta versão, inédita no Brasil e em Português, foi revista e revisada especialmente para o presente dossiê.

² Professora do curso de Artes Visuais (IARTE/UFU). Doutora em Arte e Cultura Visual (UFG), Mestra em Educação (UFSM), graduada em Artes Visuais (UFSM). Atua como líder do UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU) e pesquisa no Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPAC/UFU). Principais linhas de investigação: visualidades e percursos urbanos, docência em Artes visuais, filosofias da diferença, aprendizagens. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5063876645938107> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9369-4210> e-mail: tamirisvaz@gmail.com

³ Licenciada em Ciências Biológicas. Mestra e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp. Fez Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob a supervisão do Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim. Professora no Instituto de Biologia (INBIO) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU). lattes: <http://lattes.cnpq.br/8255914355924420> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1449-4844> e-mail: lestevinho@gmail.com

RESUMO

Essa escrita trata de percursos nos quais a necessidade de forças faz ecoar potências que, em tempos de crise, provocam investimento em ações coletivas capazes de mover corpos para fora de existências formatadas. Assim nasce o Uivo, matilha heterogênea que estuda e pesquisa filosofias da diferença na arte, na criação, na vida. As forças que fazem nascer esses uivos advêm do desencadeamento de nossas loucuras que não suportaram existir sozinhas, lançando-se ao vento a fim de tocar algo/alguém. Pela potência desses afetos explorados por falas, escritas, imagens, ações artísticas e deslocamentos territoriais, outros ventos são contaminados. Para isso é preciso uma conexão de forças para afetar e ser afetado, pois o afeto é uma força que se exerce sobre outra. Força que não é violência, que causa movimento, que provoca pensamentos nômades, que permite que as coisas adquiram alma, provocando um aumento da existência.

PALAVRAS-CHAVE

Forças; Uivo; Afetos; Matilha; Ações Artísticas.

ABSTRACT

These are writings about paths. In those paths, there is a need for forces. That need echoes potencies which, in times of crisis, provoke investment into collective actions that are capable of moving bodies out of formatted existences. Thus Uivo (howl) is born, as a heterogeneous pack that studies and researches philosophies of difference in art, in creation, in life. The forces that give birth to these howls come from unleashing our madness - which couldn't stand to exist alone, and flung themselves into the wind in order to touch something/someone. By the potency of these affections, which are exploited by speech, writing, images, artistic actions and territorial displacements, other winds are contaminated. This requires a connection of forces to affect and to be affected, for affect is a force that is exerted on another. Force that is not violence, force that causes movement, that puts thought in motion, that allows things to acquire soul, provoking an augment in existence.

KEY-WORDS

Forces; Howl; Affects; Pack; Artistic Actions.

RESUMEN

Este texto trata de caminos en los cuales la necesidad de fuerzas , hace resonar potencias que, en tiempos de crisis, provocan hacer inversiones en acciones colectivas capaces de mover cuerpos hacia fuera de existencias formateadas. De ese modo nace el UIVO (Aullido), manada heterogénea que estudia e investiga filosofías de la diferencia en el arte, en la creación, en la vida. Las fuerzas que hacen nacer esos aullidos advienen del desencadenamiento de nuestras locuras que no han soportado existir solas, lanzándose al viento con el fin de tocar algo/ alguien. Por la potencia de esos afectos explotados por hablas, escrituras, imágenes, acciones artísticas y desplazamientos territoriales otros vientos son contaminados. Para eso es necesario una conexión de fuerzas para afectar y ser afectado, pues el afecto es una fuerza que se ejerce sobre otra. Fuerza que no es violencia, que causa movimiento, que provoca pensamientos nómades, que permite que las cosas adquieran alma provocando un aumento de la existencia.

PALABRAS-CLAVE

Fuerzas; Aullido; Afectos; Manada; Acciones Artísticas.

Um cão sozinho em um apartamento se vê afetado por algo e uiva. Em alguns instantes recebe uma resposta vinda de algum terreno baldio ao seu redor. E logo, faz-se um coro, dezenas de cães imperceptíveis ao olhar preenchem, com suas vozes, a noite de um bairro qualquer.

Um grupo de pesquisadoras em seus respectivos gabinetes e em diferentes institutos na universidade. Uma professora emite um movimento inesperado. Alguns professores e estudantes se sentem provocados e se deslocam. O movimento é sentido em outros territórios e uma movimentação adisciplinar começa a acontecer.

O Uivo de que tratamos aqui surge como uma matilha de estudos que tem se dedicado a pesquisar filosofias da diferença e suas reverberações em nossas produções coletivas. Hoje registrado no diretório de grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) como “Uivo: matilha de estudos em criação, arte e vida”, o grupo tem se unido por um desejo e necessidade de fazer ecoar potências educativas que em tempos de crise provocam investimento em ações coletivas capazes de mover corpos para fora de existências formatadas.

Um uivo não acontece sozinho. Não conseguimos emitir “um” uivo individualizado, pois com ele nasce a necessidade de intercessores, de perto ou de longe. Matilha. Heterogêneos que se tornam coletivo no agir, no uivar.

É uma experiência de nascimento. Processo de fazer com que um som possa reverberar. E, mais do que isso, que ele possa encontrar interlocutores, os quais não necessariamente vão entender o que foi dito, mas vão ser tocados por essa vibração e provocados a disseminar novos acordes, compondo juntos uma expressão.

É difícil saber onde e como esse coro será criado. Não basta ter a mesma voz. Na verdade, muitas vezes, o que necessitamos é de uma voz diferente que faça também a nossa se diferenciar. Não estamos falando de música, nem mesmo de som, mas de forças geradas de n maneiras, inclusive com a voz.

Não se trata de juntar todos os instrumentos ou cordas vocais em um território físico. O uivo não nasce de um estar em casa, não ecoa de uma conversa ou canto ensaiado. Ele se compõe de contaminações. Algumas vezes é justamente a distância física que intensifica sua propagação. É preciso estar à espreita para ser tocada por ele, para arriscar o momento de emití-lo sem saber que som ele terá naquele momento, naquele ambiente, naquele corpo que estamos sendo.

Que força de provocação é essa? Que vibrações provocam a necessidade de um movimento, de um uivo, de um grito ou de um sussurro? Não nos parece que seja uma necessidade física, mas algo que ressoa no corpo, porque quando o pensamento se movimenta o corpo se transforma. Compartilhamos aqui algumas das forças que tem nos movimentado enquanto matilha nômade.

Uivo de solidão, de dor, de apelo ao coletivo



Fig. 1, Uivo Matilha, *Registro de Encontro*, 2019. Fotografias, Uberlândia/MG.

Como produzir arte, criar mundos possíveis, movimentar desejos em meio às tensões do presente? Em nível mundial tem havido uma onda de conservadorismo que tem atravessado sociedades e colocado em risco a democracia, o respeito às diferenças e diversidades, a manutenção de políticas públicas voltadas às chamadas minorias. Essa onda tem como uma de suas consequências uma polarização de posicionamentos políticos que acaba por gerar grandes desconfiças nas relações humanas, demarcando territórios de pensamento e dificultando a abertura para o diálogo e a criação de modos singulares de existência. Centramos nossas energias na defesa de ideais de sociedade que possam garantir nossa sobrevivência intelectual, cultural, ambiental e individual e nos sentimos intimidados, desgastados, capturados pela necessidade de afirmação.

Rolnik (2018) fala de uma captura, pelo capital, da potência de criação através de mecanismos de “cafetinagem” que canalizam nossas forças vitais para construir um mundo segundo suas designações. Por meio desse mecanismo, o capital exploraria não apenas nossa força de trabalho, como no regime fordista, mas nossas forças de vida, de produção de subjetividades singulares, fazendo com que nos identifiquemos com organizações do eu que nos antecedem e nos demarcam. A aceitação dessas subjetividades é a forma mais imediata de aliviar tensões, condicionando nossa existência à adequação a um grupo, mas não abrindo brechas para agirmos para além da reprodução e afirmação de um “eu” demarcado.

Para que consigamos nos apropriar dessas potências de criação, Rolnik propõe, a partir de autores como Negri e Hardt, a necessidade de encontrarmos “uma vontade coletiva de agir visando a construção do comum, o qual não está dado a priori” (2018, p. 34). Para isso, necessitamos deslocar a política de produção do pensamento próprio através de forças coletivas em movimento, pelo poder de polinização e, sobretudo, pela sinergia de produção.

Essa adequação a subjetividades nomeadas nos leva a pensar sobre os espaços de pesquisa que encontramos dentro do universo acadêmico: subjetividades

pesquisadoras demarcadas por vínculos departamentários - muros imaginários que delimitam áreas de conhecimento, competências e, até mesmo, prioridades para o desenvolvimento humano: Biologia, Arte, Filosofia, etc. Alguns saberes valem mais do que outros antes mesmo de serem produzidos. Sentimo-nos impotentes quando, mais uma vez, nos vemos inseridos em um coletivo que nos antecede. E quando esse incômodo do corpo acontece, uivamos por possibilidades outras, por coletividades por vir, por saídas de um sedentarismo do pensamento.

A produção do comum, enquanto processo de invenção de si por um corpo coletivo, tem nos levado a uivar mais, só que aos poucos, o uivo de dor vai dando lugar a um uivo de vontade de ação, de criação de algo ainda não nomeado, que nasce de nossos ouvidos e corpos atentos às possibilidades de um coro uivante e dissonante iniciado.

Uivo para desencadear loucuras



Fig. 2, Uivo Matilha, *Registro de Encontro*, 2019. Fotografias, Uberlândia/MG.

Assim nasce o Uivo, matilha heterogênea composta por artistas, professores, biólogos, filósofos, estudantes, loucos e...e...e... que estuda e pesquisa filosofias da diferença na arte, na criação, na vida, na educação. As forças que fazem nascer esses uivos advêm do desencadeamento de nossas loucuras que não suportaram existir sozinhas, lançando-se ao vento a fim de tocar algo/alguém. Cansados das falas comedidas, das mesóclises e impessoalidades, nos unimos pelo sentimento de que nem sempre nossos desejos cabem em disciplinas e áreas de conhecimentos predeterminadas. Não se trata apenas de estudar a Arte, a Biologia, a Filosofia, a Educação, etc., se trata de querer criar enquanto vida, instigados por encontros com pessoas, ideias, conceitos, coisas, vontades. Fazer da vida obra de arte; da arte processo vital.

Exercícios de produções que, dentro da academia, se inscrevem como loucura,

porque atravessam linguagens, porque inventam modos de dizer sem palavras, porque carecem de linearidades e idiomas nomeados. Loucura por permitir passagem de compostos de criação singulares que colocam os caminhos de cada um como matéria artística de um “eu” coletivizado, heterogêneo e propositivo de novas composições.

Um ato de loucura é também um ato de coragem, pois demanda a saída de um território de segurança para vias a se construir. Após a saída já não há possibilidade de retorno ao mesmo, pois entramos em devires que diluem os aparentes contornos que nos guiavam e asseguravam lugares de fala e pertencimento. Há o risco da vertigem, mas também da libertação de linhas invisíveis que nos prendiam. Os lugares continuam lá, mas nossos movimentos através deles se modificam. Percebemo-nos capazes de traçar nossas próprias linhas no entrecruzamento com outras que encontramos no caminho. Novas linhas em novos “nós” - composto heterogêneo - porque também não se pode ser louco por muito tempo, seguir essa linha e assumi-la como própria. Pensemos a loucura com devir inventivo.

Sair de casa, feito loucos sem rumo, quando a casa já não comporta os movimentos de nossos corpos.

Uivo de comunicação, de expressão, de gagueira



Fig. 3, Uivo Matilha, *Registro de Encontros*, 2018. Fotografias, Uberlândia/MG.

Pela potência de afetos explorados por falas, escritas, imagens, ações artísticas e deslocamentos territoriais, outros ventos são contaminados, gerando, pouco a pouco, um coro irregular de corpos selvagens, como lobos que instintivamente uivam para a lua e, no encontro de vozes ecoadas, assumem outros corpos, outras vivências corporais. Corpos também feiticeiros, larvais, heterogêneos, mutantes, que deslocados e deslucados se aproximam pelo movimento das vibrações que emitem.

Através de encontros na universidade, no bar, na praça, no laboratório, em um festival de arte, o grupo tem investido em práticas fora dos formatos e lugares fixados de aulas ou currículos, mas que alimentam e potencializam aquilo que cada um produz enquanto vida-pesquisa-docência-arte.

A série produzida em argila, *Terra Modelada*, da artista Ana Maria Maiolino, atravessada pela leitura do livro *Diálogos*, de Deleuze e Parnet (1998), nos possibilitou pensar a arte como o acontecimento da conversa entre as forças do corpo e os modos como as forças da matéria o atingem. Na obra, Maiolino traz a repetição dos gestos mais básicos da produção cerâmica: amassar, apertar, fazer rolinhos. Esses gestos, em seu trabalho, não são processos iniciais para fabricação de um objeto cerâmico, mas se resumem no próprio ato em si, como um ritual que provoca, a cada movimento, um resultado similar, mas sempre único. As marcas das digitais de seus dedos que amassam o barro ficam visíveis e demarcam uma presença performática do corpo da artista, que se faz presente no objeto, mesmo quando ausente.

Essa expressão do corpo no encontro com o barro surgiu como um caminho a ser seguido para responder, ainda que momentaneamente, à provocação de Deleuze: "Uma conversa, o que é, para que serve?", título do primeiro capítulo do livro *Diálogos*. Nesse texto, Deleuze e Parnet falam da conversa como encontros que podem se dar com pessoas, assim como com movimentos, com ideias, com acontecimentos, pensando esses elementos não por seus nomes próprios, mas por um devir entre os dois, fora dos dois, mas que se faz possível pelas forças dessa dupla-captura. Assim, percebendo-no nesse lugar heterogêneo de um coletivo que

conversa tanto com vozes quanto com corpos, com mãos, com materialidades, pensamos: Por que não iniciar uma conversa valendo-nos do barro (argila)? [...] A argila, frequentemente ligada a atos de criação, não poderia também nos ajudar a criar uma conversa? (UIVO, 2019, p. 196)

Fazer gaguejar a própria língua, duvidando do protagonismo da linguagem para promover uma conversa. Sentados em círculo sobre um gramado da Universidade Federal de Uberlândia, começamos a amassar a argila e confabular os caminhos de criação de uma conversa. Aos poucos, algumas formas circulares, semelhantes a argolas, começaram a ser criadas por um conjunto de mãos e repetidas pelas demais, como em um ritual silencioso e rítmico ou em uma produção em série de algum objeto ainda indefinido. Experimentamos unir algumas delas, compondo uma corrente cheia de elos irregulares de resistência instável - elos e instabilidades de uma conversa? - Por estarmos em um espaço de circulação de estudantes, algumas se aproximavam e, ao nos verem concentrados naquela ação de modelar e conversar, entravam na conversa ou nos acompanhavam na modelagem.

Passada pouco mais de uma hora, uma ideia surgiu: que tal fixarmos esses elementos matéricos da conversa em algum suporte e deixá-los secar, desmanchar, se transformar junto ao tempo? Para isso, escolhemos uma árvore próxima e, de suas texturas, galhos e folhas, fizemos brotar os fragmentos de barro gerados de nossos movimentos. A conversa, nesse momento, serviu para nos conectar ao entorno, aos elementos vivos que nos cercavam, desde a potência da grama de nos acomodar, da sombra de nos refrescar, das pessoas de se agregar, da árvore de suportar os vestígios de um momento partilhado.

Após experimentarmos essa espreita por encontros em relações com a argila, decidimos reconfigurar essa ação participando do 1º Festival EntreArtes, evento organizado pelo Instituto de Artes, como uma ação que não era nem apresentação, nem obra de arte, nem oficina, nem debate, mas que poderia ser tudo isso se assim o desejássemos. Pegamos o título “uma conversa: o que é, para que serve?” e fizemos dele ação junto ao público do evento.

Nesse momento, buscávamos explorar possibilidades de fazer expressão através de nossos uivos, constituindo a própria ideia do que pode ser um uivo quando expressado.

O que é necessário para uma conversa acontecer? Palavras? Corpos? Disposição? Curiosidade? Cumplicidade? Como essa conversa se expressa para além da palavra dita e registrada?

Entre formas e não formas, de matérias, de falas, de silêncios e de entregas, misturamos sentidos. Conversas aconteceram. E, como toda conversa, não pôde ser materializada nas marcas deixadas na argila. O que restou foram formas físicas como marcas de corpos em movimento sem intuito de ser algo ou para algo servir. Devir em formas outras. Juntamos produções, conversas, argila marcadas por mãos, por desejos de entrega, de conversa.

Ao final, as muitas formas enroladas em uma-várias conversas foram agrupadas por mais gestos. Para recolher pedaços da conversa foi preciso fazer um rolo, não um rolo compressor, mas uma dobra. Um entre. Rompendo com os limites do dentro e do fora, a argila-conversa se preservou composta de camadas não hierárquicas de heterogeneidades. Criamos outra lógica, pensamos com o fora. “Será que podemos conceber um modo de conexão positiva do pensamento com o desconhecido ou com o não-pensado que dê conta do ato de pensar?” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 64-65).

Temos agora um emaranhado de formas, de gestos, de conversas que marcaram os corpos. Lapoujade (2017, p. 54) nos mostra que dar um outro ponto de vista às coisas é como dar alma a elas. E para isso é preciso apreender as coisas do seu interior: “A madeira, a rocha [acrescentamos o barro] não são matérias inertes, são percorridas de dobras, de nervuras, de nós que constituem seu movimento. O material é a matéria que se torna espírito”. É preciso trabalhar com materiais compostos e dar potencialidades a eles, como o exemplo citado por Lapoujade do molusco que dá vida à concha que se torna parte dele mesmo. A argila, o gesto de moldá-la, deram vida à conversa, assim conversa e argila são uma coisa só, uma deu potência a outra. Por isso a necessidade de uivar em matilha extrapola o próprio uivo, convida outros, humanos e não humanos, a compartilhar força, agir para resistir, re-existir co-existindo.

Usando uma expressão de Lapujade “criamos alma”.

De modo geral, existe uma alma quando percebemos em dada existência alguma coisa inacabada ou incompleta que exige “um princípio de crescimento”, enfim, o esboço de algo maior, de algo mais bem-sucedido, suscetível de aumentar a realidade dessa existência. Atribuimos uma alma quando introduzimos essa dimensão em um ser (LAPOUJADE, 2017, p. 67).

A argila em processo inacabado deu alma para a conversa que também sempre está em processo de inacabamento. A vontade de conversa só foi aumentando, então, passamos a traçar outras estratégias para amplificação do alcance de nossos uivos.

Convidamos outras matilhas para uivarem conosco na criação de uma revista voltada à criação, à arte e às vidas - a Revista Uivo, reverberando textos em processos com potência para gerar atravessamentos.

Para incitar as criações para o Dossiê “criação, arte e vida” da Revista Uivo nos perguntamos:

É possível promover processos artísticos e de criação para fora da vida, institucionalizada, sequenciada na biografia de um sujeito? Mas de que criação, de que arte, de que vida tratamos quando nos envolvemos nos pensamentos da diferença? Quando artes, vidas, criações se desprendem dos sujeitos e de suas representações? Que povos por vir são invocados em apelos de criação? Que artes e vidas fazemos existir? Que criações atualizam vidas e artes? Textos em processos que atravessam e desfazem as relações entre criação, arte, vida? (UIVO, p. 2019, p. 9)

Em resposta a essas perguntas-provocações ecoaram uivos de perto e de longe. Matilha grande que agregou uivos no percurso de se materializar palavras, imagens, poesias.

Uivo para a lua



Fig. 4, Uivo Matilha, *Registro de Luau*, 2018. Fotografias, Uberlândia/MG.

Em uma noite de lua cheia, cuidadosamente escolhida para uivarmos em matilha, afetando e sendo afetados, lançamos ao ar alguns excertos da revista recém nascida. Uivos nossos e de longe foram agregados em uma matilha única quando sentamos no chão com a lua iluminando nossa conversa. A revista foi organizada em duas seções: a seção “grunhidos, rosnados e ronronares”, composta por cantos, alertas, vibrações, sonoridades, emitidas por autorias inquietas que se apropriaram de métricas científicas e produziram escritas de vida em formato de artigos; e a seção “forrageios”, aberta como espaços para “saídas exploratórias com imagens e palavras em busca de alimentos”, em formatos mais ensaísticos e experimentais (UIVO, 2019, p. 8).

Em voz alta alguns textos foram lidos e digeridos, soltos ao vento. Imagens, palavras, imagens-palavras convidando o leitor a fruir diferenças. Misturamos escrita faladas, sentidas, compartilhadas em imagens-textos. Agora o som vai além da universidade, comunica as conversas e os desejos de estar em matilha para existir e resistir. Mãos dadas com arte, vida. Gerar vida, vidas para além da biologia. Aumentar a realidade da existência com alma. Alma de artista, gestos que ampliam a ideia de vida biológica para a vida enquanto movimento. “Atribuímos uma alma quando introduzimos essa distinção em um ser” nos diz Lapoujade (2017, p. 67). Quando percebemos em uma dada existência algo inacabado. Tomamos a nossa conversa como algo inacabado... um acontecimento.

As imagens nômade, saltadas da revista, se espalharam sobre as toalhas entre comidas e bebidas. Viraram toalha, guardanapo, alimento, circularam de mão em mão,... Depois de um tempo, foram levadas até uma pequena parede de cimento e coladas com a técnica do lambe-lambe, se conectando a outras narrativas já existentes. Como recomenda Deleuze, “ler um livro como se ouve um disco, como se assiste a um filme. Nada a compreender ou a interpretar, mas a experimentar. A única pergunta é se o que se lê nos convém, nos afeta, aumenta nossa potência” (1998, orelha do livro). E assim, sob a lua cheia, elas são acionadas, vasculhando percursos em meio a conversas com ambientes, pessoas, conceitos.

Uivo de agenciamento territorial



Fig. 5, Uivo Matilha, *Registro de Participação em Manifestação*, 2018. Fotografias, Uberlândia/MG.

Foi preciso uma conexão de forças para afetar e ser afetados em cada ação que nos dispusemos a produzir, pois o afeto é força que se exerce sobre outra. Força que não é violência, pois não se explica pela ideia de destruição, mas também não é um ato voluntário.

Os três conceitos, o de força, o de fora e o de dentro são solidários: encontrar o fora é sempre ser forçado, involuntariamente forçado; ou melhor, um afeto involuntário por natureza, pois vem de fora, implica um encontro, é o indício de uma força que se exerce do exterior sobre o pensamento (ZOURABICHVILI, 2016, p. 71).

Há que se destacar que afetar e ser afetado envolve atingir um “ser larval”, um ser mutante que se conecta com outras forças. Somos no Uivo sujeitos larvais, buscamos, provocamos forças que produzem sujeitos larvais, mutantes. E como sujeito larvais colocamos o pensamento em movimento.

Uma cola de farinha e água cobre o verso de um papel impresso com gritos de guerra. Folha que passa de mão em mão até ser pregada no poste, na parede, nas ruas enquanto passa o movimento de protesto contra os cortes financeiros para com a educação, a pesquisa, a arte, a ciência. Estariam elas ameaçadas?! A passagem do

papel causa movimento, olhares esgueirando-se no meio fio, criam forças, potência que gera afetos. Afetados os olhares se cruzam, marcam um momento em suspensão. Roupas, gritos, papéis estatelados clamam nos postes de luzes palavras de ordem. Ordem na desordem? Como podem ditar ordens? Cortes! Cortes! Cortes! Cortes! Em resposta Gritos! Gritos! Gritos! Gritos! Nos lambes, nas bocas, nas falas, na correria, na vida, na arte. ArteVida. ArteViva. Ferida Viva. UIVO.

Estávamos em meio a uma manifestação de protesto político na rua com nossas plaquinhas, nossos gritos, nossas necessidades - como diriam Deleuze e Guattari - de liberação de matéria de expressão, reivindicando agenciamentos territoriais outros (DELEUZE; GUATTARI, 1997). O uivo, nesse momento, buscava na multidão forças para se movimentar, demarcando distâncias, posturas, saberes que não se deixam ser esmagados por ordenações repressoras. Já não se tratava de um uivo de medo, desespero ou solidão, mas sim, um uivo de força coletiva em movimento, com ritmos e intensidades heterogêneas, unida por alguma placa territorial e comum. Nesse caso específico, para assegurar direitos coletivos.

Uivo do vento

Por fendas quase imperceptíveis surge o uivo mais agudo e provocador atravessando janelas fechadas que, por um descuido qualquer, permitiram uma pequena passagem. Nenhuma grande abertura, nenhuma porta escancarada para novos padrões de pesquisa, apenas o exercício de perpassar fendas, de ouvir e praticar conversas possíveis nesse entre que aciona e anuncia uma passagem de vento, um respiro, uma possibilidade de existência desviante das cafetinagens de padrões de existência.

Vento que se espreme nas pequenas passagens, acelerando e fazendo circular o ar. Vento que se espalha por campos abertos, levantando a poeira e formando redemoinhos, por vezes incômodos. São muitos os uivos quando nos colocamos em matilha, cada qual com seu tempo, sua duração, sua necessidade, ecoando a criação de mundos possíveis para o existir juntos.

Assim seguimos nossa jornada nômade, em matilha, explorando fissuras entre linguagens, saberes instituídos, práticas demarcadas, identidades predeterminadas, a fim de inventar, sem qualquer garantia de acerto, modos outros de emitir nossos uivos na pesquisa, na arte, na educação e na vida.

Referências

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix, **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. Tradução Suely Rolnik, São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

LAPOUJADE, David. **As Existências Mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

UIVO: **Revista do Grupo de Pesquisa Uivo**: matilha de estudos em criação, arte e vida. Vol. 1. N. 1. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.

Submissão: 04/07/2022

Aprovação: 20/08/2022